

Tele-Visão, Imagem-Duração e o Tempo *Reality* de TV na Internet

Tele-Vision, Image-Duration and the Reality Time Of Tv On The Internet

Suzana Kilpp

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Avenida Unisinos, 950, São João Batista, 93022-000, RS, Brasil
sukilp@unisinos.br

Resumo. O artigo problematiza o conceito de tele-visão comparando a natureza precípua da TV off-line com a da TV on-line a partir da metodologia das molduras. Essa natureza havia sido formulada anteriormente como relacionada, no caso da TV off-line, a uma imagem média que chamamos de imagem-duração, relacionada à sua vez com tempos performáticos que chamamos de tempo *reality*. Na problematização, o artigo enfatiza, no escopo da metodologia, o misto virtual-atual (conforme proposto por Bergson) e a dissecação dos empíricos (conforme proposta por Kilpp). Face às diferenças de natureza autenticadas, sugerimos, como alternativa, o conceito (mais largo) de tele-visão para pensar suas atualizações tanto off-line quanto on-line. Quanto à metodologia, o artigo aponta para os bastidores da pesquisa, nos quais, em se tratando de Internet, há muito já disponível e muito ainda a inventar (ou a tornar mais conhecido) quanto a ferramentas ou procedimentos técnicos para fazer uma boa dissecação dos materiais que se pretende analisar.

Palavras-chave: tele-visão, televisão na Internet, tempo *reality*

Abstract. The article it puts in check the television concept comparing the main nature of the off-line TV with the main nature of on-line TV under the methodology of the frames. This nature had been formulated previously as related, in the case of the off-line TV, to an average image that we call duration-image, related to its time with times that we call reality time. In this check, the article emphasizes, in the target of the methodology, the virtual-current compound (as considered by Bergson) and the technical analyze of the empiricists (as proposal by Kilpp). Face to the notarized differences of nature we accounted, we suggest, as alternative, the concept (wider) tele-vision to think its updates in an off-line way almost in an on-line way. Around the methodology, the article points with respect to the embroidery frames of the research, in which, in if treating to Internet, it has already very available and very still to invent (or to become more known) how much the tools or procedures technician to make a good technical analyze of the materials that if it intends to analyze.

Key words: tele-vision, television on Internet, reality time

Introdução

Especular sobre a tele-visão em suas atualizações no atual estágio da técnica demanda olhar criticamente para o conceito sexagenário de televisão, especialmente quando se propõe, como alguns, que ele pudesse ser estendido ao que chamam de televisão expandida para re-

ferir seu espraiamento por diferentes telas que hoje compartilham a exibição de imagens ditas televisivas.

A nosso ver, esses conceitos não aderem ao fenômeno audiovisual a que estamos assistindo: primeiro, porque reduz a tele-visão à TV; segundo, porque entende as novas aparições de imagens que lembram a TV como se fossem

meramente tentáculos da televisão off-line, em um mesmo ambiente ou em outros ambientes, quando se trata de fato de um ponto zero do aparecer fenomenológico (Derrida, 1998) da tele-visão no dispositivo contemporâneo, cujas urgências (Tucherman e Saint-Clair, 2008) são outras que as do dispositivo que originou a mídia TV.

Como extensão humana, a televisão participa hoje de uma ecologia (McLuhan, 1999) que não é mais a da eletricidade, ou só dela, mas também a do código binário. Por outro lado, pensar o audiovisual e a tele-visão hoje também passa pela compreensão do *software* cultural e pela cultura do *software* (Manovich); e pela multiplicidade de telas que permitem hoje a tele-visão em múltiplos *hardwares* fixos e móveis.

Desde tal perspectiva iniciamos uma problematização mais pontual, mas também crítica, acerca da remediação (Bolter e Grusin, 1999) da TV na Internet, problematização essa que pode ser assim resumida: O que distingue as TVs na Internet das TVs off-line? O que distingue, na Internet, as TVs on-line das *web TVs*, umas das outras e da TV off-line? O que há de comum, virtualmente falando, entre elas? Como e em quê as semelhanças e diferenças impactam sobre o que se tem concertado acerca da tele-visão como televisão? São questões formuladas a partir da intuição de que, primeiro, há uma tele-visão durante, cujo devir (ou tendência) vem sendo atualizado hoje em qualquer plataforma ou mídia, mas cuja genealogia, se feita nessa perspectiva, autenticaria atualizações muito mais antigas, heterogêneas e fisicamente realizadas de transmissões a distância de imagens que puderam ser vistas em telas muito diversas.¹

Reinventamos nossos problemas e objetos de pesquisa com vistas a prospectar críticas e alternativas de pesquisa que dêem conta do conceito de tele-visão a partir da memória dos meios que a atualizam multifacetadamente na tecnocultura contemporânea e de um *design* que é marcado por visadas tecno-estéticas do que ainda se tem como tele-visão homóloga à televisão. Nesse viés, a pesquisa também rein-

venta noções historicamente anteriores e mais largas do que as a que os estudos das mídias se restringiram em meados do século passado.

Neste artigo trataremos apenas da primeira questão: O que distingue as emissoras de TV na Internet das (mesmas) off-line?

À primeira vista, tratar-se-iam de duas atualizações de uma (mesma) televisão que difere apenas em grau² quando migra para a Internet, e se poderia dizer que aí ocorre uma remediação da TV off-line para sua versão on-line; e se poderia dizer também, com muita propriedade, tratar-se de uma televisão expandida, por exemplo.

No entanto, se aceitarmos, na esteira de Derrida (1998), de que a cada vez (ou a cada suposta remediação) inaugura-se um ponto (zero) fenomenológico e significativo da imagem (áudio) visível, já não estaremos mais diante de diferenças de grau da televisão, mas diante de diferenças de naturezas entre a TV off-line e a on-line. E se, então, ainda entendermos que se trata de outro objeto de pesquisa (outra virtualidade durante) - a tele-visão durante e não a televisão durante - todas as premissas anteriores são abaladas pelo simples fato de se admitir a existência desse objeto e pela fabulação que faremos sobre ele.

Das imagens do tempo na TV à imagem-duração

Inicialmente chamou-nos a atenção o fato de que o tempo é entendido por vários estudiosos da mídia como essencial para a compreensão da imagem de TV, por diferentes razões de cada autor. Nenhuma dessas razões nos inquietava; entretanto, buscando entender o ponto zero do aparecimento das imagens na televisão brasileira, a pesquisa que fizemos levou-nos a certa altura a perscrutar justamente uma eventual ingerência do tempo sobre sua natureza precípua.

Isso ocorreu, porém, não tanto pelo que os autores diziam e mais porque, enquanto monitorávamos seus modos de agir off-line, encontramos em todas as emissoras analisadas, e em toda a programação de cada uma, uma multi-

¹ Com isso, na esteira de Bergson (1999), enfatizamos nossa compreensão de que a tele-visão é uma virtualidade que se atualiza em diferentes suportes, dentre os quais, o mais sólido e contemporâneo, chamamos de TV ou televisão. E que uma genealogia cartografaria essas atualizações segundo seu gene memorial, e não segundo uma história de sucedâneos da qual se descarta os não vitoriosos, os quais, no entanto, duram, na memória, enquanto devir (Bergson, 1999) ou como potência (Benjamin, 1985).

² Para Bergson (1999), as coisas diferem em grau ou em natureza, sendo verdadeiras apenas as diferenças de natureza, porquanto apenas essas se relacionam à duração, cuja realidade é mover-se dos atuais aos virtuais e vice-versa.

plicidade de práticas enunciativas de temporalidades fixas ou moventes, sobrepostas ou justapostas, sucessivas ou coalescentes, nas quais, ainda assim, algo recorria e devinha em todas elas. E, dissecando as molduras e moldurações nas quais tais ethicidades foram assim ofertadas aos sentidos (os quais, ultimamente, são agenciados entre emissão e recepção)³, e a partir de nossos afectos, acabamos levados à percepção⁴ de imagens de vários tempos espacializados e performáticos (*reality*) e, daí, de novo à intuição de um construto televisivo de tempo virtual, em devir.

Já havíamos tratado antes desse tema, apontando algumas funções do tempo na TV, e outras do tempo enunciado pela TV na organização de nossa vida em sociedade, e sobre nosso entendimento do que seja o tempo. Mas, nos estudos que realizamos desde 1996 fomos gradativamente levados a pensar que a natureza precípua das audiovisualidades de TV no atual estágio das técnicas poderia ser substanciada por uma imagem-duração, uma imagem nunca antes assim conceituada nas epistemologias do audiovisual, mas sempre à espreita na vizinhança de outros conceitos.

Tempo, tempos enunciados e imagens do tempo são de fato, como disseram, características decisivas das audiovisualidades de TV: é impossível compreender a natureza da imagem televisual sem compreender como o tempo é constitutivo dela. Tudo a que assistimos na telinha relaciona-se a medidas (quantidades) de algo (qualidade), dentre as quais as medidas de tempo. Isso ocorre em grande parte porque as emissoras, sustentadas diretamente pela publicidade e indiretamente pelas audiências, comercializam quantidades de tempo⁵, situadas em horários da programação em fluxo que têm determinadas qualidades éticas e estéticas, sejam as dos programas ou as dos inter-programas que incluem “intervalos comerciais”, vinhetas da emissora e dos programas e *promos*.

Algumas dessas quantidades de tempo, em geral justamente as mais caras, são alta-

mente inflacionárias em termos de informação. Tantas informações avolumando-se no mesmo espaço de tempo acabam impondo ritmos mais acelerados à programação em fluxo nesses horários, o que também leva à compactação das imagens em seqüências sintagmáticas, pois as emissoras têm em conta que a TV e o canal são conectados e desconectados a qualquer instante e que o espectador precisa situar-se ou envolver-se rapidamente sob pena de a emissora perdê-lo para outro canal. Na perspectiva estratégica das emissoras, cada instante audiovisual veiculado deve conter inicialmente o todo de que é parte para que o espectador se situe no fluxo televisivo daquela emissora. E a emissora deve estar o tempo todo produzindo instantes audiovisuais envolventes no teor ou na estética - no mais das vezes relacionados a ditos interessantes acontecimentos⁶ por acontecer - que mantenham ou tragam de volta o espectador que navega entre os canais e emissoras.

Decorre que a centralidade do tempo na televisão relaciona-se assim também às condições da produção (e de seus apelos) e da recepção (conforme nossos discernimentos e motivações pessoais). Nesse jogo entabulado, e em seu decurso, nós assistimos de fato a tempos de TV, dos quais participam recortes audiovisuais da programação em fluxo de uma ou mais emissoras que são articulados em fluxos imagéticos exclusivos de cada espectador, impactados ainda pelas condições da recepção do espectador, que, enquanto assiste à televisão, faz inúmeras outras coisas.

No decurso de nosso monitoramento de práticas enunciativas foi-se tornando cada vez mais evidente a ingerência do tempo sobre a natureza precípua das audiovisualidades de TV de qualquer emissora analisada. Nos diferentes panoramas televisivos sempre se moviam simultaneamente coisas e ações (principalmente) situadas em fluxos temporais distintos e que se justapunham tensamente no desenrolar do tempo da programação em fluxo das emissoras.

³ Os conceitos de dissecação, molduras, moldurações, ethicidades e agenciamento são alguns operadores da metodologia das molduras. Sucintamente, no que importa entender aqui, ethicidades são construtos midiáticos de fatos, pessoas, coisas etc. cujos sentidos são compreensíveis a partir das molduras e moldurações praticadas pelas mídias para ensejar tais sentidos, e que são dissecadas pelo pesquisador para fins de análise. Para mais detalhes, ver *A traição das imagens* (Kilpp, 2010).

⁴ As noções de afecção e percepção aqui empregadas orientam-se pelas formulações de Bergson acerca da intuição, as quais, como método, foram sistematizadas por Deleuze (2004).

⁵ Nos termos de Bourdieu (1996) diríamos que o tempo – ou melhor, o preço do tempo linear na televisão – corresponde à verdade da troca, que é sempre recalçada no jogo da troca em qualquer economia de bens simbólicos.

⁶ O acontecimento, no caso da TV, refere-se não apenas ao acontecimento histórico habitualmente agendado pelas mídias, mas também a acontecimentos no interior de mundos televisivos.

Ora, esses fluxos desenrolando-se simultaneamente na macromontagem televisiva lembram por demais a noção bergsoniana de duração, na qual o tempo tem múltiplas direções, em que o que se entende por antes e depois perde o sentido, em que tudo é presente coalescente, em que o tempo histórico torna-se uma qualidade densa, intensa e espessa, sendo todos eles indícios de seu devir ou virtualidade. Por conta disso chamamos esse construto televisivo de imagem-duração. E por ser um construto (uma ethicidade), de caráter performático, não lhe conferimos o estatuto de real, mas *reality*. Frisamos aqui, portanto, que o que estamos chamando de imagem-duração é uma ethicidade que participa de um conjunto de enunciações televisivas sobre o real, o qual é, também, um construto de real (uma ethicidade) performático – um real *reality*.

Conscientes e deliberadamente circunscritos a tais limites conceituais, para avançar a pesquisa empírica e para fins de análise desses diferentes móveis simultâneos precisávamos imobilizar um deles pelo pensamento para que, a partir dele, pudéssemos observar o movimento dos demais: para fins de análise, precisávamos criar um sistema, imóvel, de referência⁷. Assim, o sistema de referência que escolhemos foi pontuado pelo relógio digital presente no panorama das emissoras analisadas, simbolizado na tela por números visíveis separados por dois pontos: à esquerda, a quantidade das horas; à direita, a quantidade dos minutos. Nesta simbolização, “18:23”, por exemplo, significa que estamos assistindo ao que se *passa* na TV às 18 horas e 23 minutos de um tempo métrico consentâneo ao que observamos em qualquer relógio.

Enquanto monitoramos as emissoras do corpus esse relógio encontrava-se inserido, como *graphic*, em um dos cantos do écran do aparelho de TV por ocasião da transmissão “ao vivo” de determinados acontecimentos: em eventos esportivos, para cronometrar o tempo dos jogos; em debates políticos, para cronometrar o tempo de cada intervenção dos participantes; em edições de *reality shows*, para indicar a hora em que acontecera o que estava sendo mostrado nas edições que iam ao ar, etc.

Nos dois primeiros exemplos o relógio estava programado para medir um intervalo de tempo se desenrolando; no terceiro, para indicar instantâneos de tempo já desenrolado.

Mas, além desses, havia relógios que perduravam ou permaneciam no écran de alguns canais independentemente da programação que ia ao ar. Neles (e também nos outros), o tempo visível desenrolava-se como em nossos próprios relógios (e cronômetros). Essa figuração do “tempo real”⁸ corresponde à sua simbólica mais geral, inclusive a de nossa própria duração, e se tornou, então, por definição de nosso pensamento, o sistema imóvel do observatório (nos termos propostos por Bergson, 2006, já referido). Assumir este tempo como real implica, entretanto, assumir o caráter performático do real na TV.

Muitas vezes antes discorremos sobre o realismo na TV como uma estética. Mas talvez não tenhamos enfatizado o suficiente que esse realismo performático refere-se a ser e agir conforme a lógica da TV, a ser real como construto televisivo. Por exemplo, prestemos atenção ao fato de que o tempo medido por relógios digitais simbolizados no écran não se desenrola exatamente como em nossos relógios, pois está sujeitado à lógica do fluxo televisivo. Primeiro, a imagem do tempo desenrolando é suprimida da vista do espectador sempre que no fluxo os programas são interrompidos pela publicidade. Segundo, ela se relaciona, a cada vez, a diferentes molduras, inclusive às de outros tempos também visíveis, como os dos cronômetros, e às de outros, invisíveis, mas presumidos.

Tais lógicas conferem ao tempo indicado no écran um sentido performático, portanto, o que autoriza chamá-lo de um tempo *reality*. E é assim que o trataremos daqui em diante: estaremos sempre nos referindo a um construto televisivo de tempo real que é mais bem definido desde a perspectiva que adotamos como tempo *reality*.

Quando existiam esses relógios nos panoramas o *graphic* do tempo encontrava-se colado, aderido, era parte intrínseca da duração dos canais (que são concedidos a determinadas emissoras pelo poder público para veicularem neles sua programação). Como propu-

⁷ Bergson (2006) propõe a adoção de um sistema de referência quando se pretende observar movimentos simultâneos. Trata-se de imobilizar pelo pensamento um dos moventes, a partir do qual, então, observam-se os demais.

⁸ De um lado lembramos que a noção “tempo real” difundiu-se com o sentido a ela atribuído por enunciações televisivas quando da transmissão de eventos simultânea ao tempo real dos eventos, também enunciadas como transmissões “ao vivo”. Por outro lado lembramos tratar-se de uma ethicidade, e de que essa noção nada tem a ver com o entendimento de Bergson sobre o tempo real.

semos em 2010, canais são molduras de emissoras e de programas; como tais, os canais (e sua duração, visivelmente desenrolando-se) conferem sentidos de tempo às imagens da programação em fluxo independentemente das efetivas durações⁹ nela molduradas. É desses fluxos simultâneos que emergem, dentre eles e na opacidade dos panoramas, as mais interessantes novas figuras do tempo.

Sob a forma de imagens-duração, elas se relacionariam em tese às que deveriam emergir da TV digital de outros modos (diferentes em grau). Nas TVs on-line - que podem estar sendo ainda um território de experimentação das emissoras acerca de sua re-fundação como TV digital -, nos dispusemos, por isso, a analisar os modos através dos quais tal transição vem sendo operada pelas emissoras, e a refletir sobre no que uma presumida remediação estaria afetando (ou não) a natureza das audiovisuais de TV.

O tempo *reality* na TV on-line

Ao migrarmos nosso observatório para a Internet, de imediato colocou-se um problema, novo, de ordem metodologicamente estratégica: como realizar a observação e sua documentação com vistas à análise pretendida? As antigas e já familiares operações técnicas de monitoramento e cartografia off-line (flanar, gravar, rever e dissecar a partir de suportes como o videocassete, o CD e o DVD) não funcionavam on-line, porque não é assim que se captura (e retira) as imagens do fluxo da Internet com vistas à sua dissecação.

A partir dos rígidos princípios adotados ao longo da pesquisa, perscrutamos então alternativas metodológicas flexíveis que dessem conta daquilo que os observáveis demandavam para que fossem minimamente compreensíveis. No caso em questão, tratava-se, antes de tudo, de verificar a eficácia da dissecação de molduras e moldurações nos termos técnicos em que ela havia sido praticada na análise da TV off-line. Na Internet seria possível, desejável e produtivo praticar as mesmas operações?

Dissecação das imagens veiculadas no player: procedimentos para a captura de telas

Durante três meses de 2008 monitoramos as transmissões via Internet das emissoras de televisão que compunham o corpus da pesqui-

sa de então. Nas primeiras semanas observamos o conteúdo on-line disponível no portal de cada uma destas emissoras para identificar quais delas exibiam vídeos da programação off-line nos quais apareciam marcadores de tempo como o relógio ou o “ao vivo”, e como estes se relacionavam com o relógio apresentado no computador de qualquer usuário.

Depois de identificadas quais eram as emissoras que utilizavam marcadores de tempo em suas transmissões audiovisuais via Internet, passamos a salvar com a tecla Print Screen do teclado (ela captura telas da *web* abertas no monitor) todo o trajeto, que percorremos desde a página inicial do portal das emissoras (a *homepage*) até a página (a *watchpage*) em que se encontra o *player*, no qual, finalmente, rodam vídeos da programação off-line da emissora disponíveis no *site*. No entanto encontramos uma limitação técnica na hora de capturar as telas do computador quando no *player* aconteciam transmissões simultâneas às da TV off-line porque, nessas telas, a imagem que rodava no *player* não se conseguia capturar, aparecendo em seu lugar apenas um fundo, negro, ou seja, ausência de imagem de TV. Apenas as imagens dos vídeos de arquivo eram perfeitamente capturadas por este processo.

Como precisávamos contornar este contra-tempo e para nossa pesquisa apenas os Print Screen da tela não eram o suficiente, procuramos por *softwares* que nos permitissem gravar em vídeo o caminho que antes havíamos registrado através de *frames*. Testamos inicialmente o programa Camtasia Studio, que também se mostrou ineficiente, pois resultava no mesmo problema: todo o entorno do *player* era salvo, mas as imagens que rolavam no *player*, não. Ou seja, a tela do *player*, na qual as imagens rolavam na ocasião do acesso on-line, na captura tornava-se, em fluxo, uma tela sempre preta, da qual, portanto, se ausentavam todas as imagens.

Chegamos a testar os programas Real Player e GameCam, mas estes salvavam apenas a tela do *player* e não toda a tela do computador (interface) como necessitávamos. Partimos então para o CamStudio, que apresentou o mesmo problema do Camtasia. Por fim, quando já estávamos pensando em gravar nossas ações utilizando uma câmera de vídeo ligada em frente ao monitor, fomos alertados de que o Camtasia e o CamStudio poderiam

⁹ Cada coisa, fato, *persona*, acontecimento etc. audiovisual tem sua própria duração (virtual) atualizada em seus modos de agir no espaço em que se dá a perceber ao espectador, usuário ou pesquisador.

funcionar de forma diferente em cada computador que fossem testados, uma vez que os *codecs* (codificadores de som ou imagem para comprimir arquivos, com ou sem perda em relação à imagem e som originais) presentes em cada máquina determinam como estes programas entendem e gravam as transmissões.

Testamos novamente o Camtasia e o Cam Studio, e o primeiro funcionou quando desaceleramos a gravação para capturas em apenas 2 quadros por segundo (o padrão de transmissão da televisão é de 30 quadros por segundo). Excetuando o áudio (que não pode nunca ser capturado porque, ao pararmos o fluxo, o som sempre desaparece), conseguimos assim capturar vídeos da maioria das emissoras que interessavam à pesquisa, e apenas o canal NBR continuou apresentando o problema do quadrado preto no lugar da imagem em movimento.

Comportamento das emissoras quanto à exibição do relógio em panoramas veiculados no player

Equacionados os problemas de ordem técnica, pudemos observar os diversos comportamentos on-line das emissoras do corpus¹⁰ (TVCom, TV Justiça, Siete, Shoptime, Bloomberg, NET, TV Câmara, Record, Pampa, Assembléia, NBR¹¹, Ulbra TV, Record News, Globo¹², Rit TV¹³ e Band News¹⁴) quando apresentavam seus conteúdos audiovisuais na Internet. Não havia um padrão para a disposição dos conteúdos audiovisuais dentro dos portais, mas havia tendências que podem ser formuladas em dois grandes conjuntos: o das emissoras que não utilizavam o relógio na Internet e o das emissoras que utilizavam relógio nos panoramas on-line.

Emissoras que não exibiam o relógio

Verificamos que as emissoras que não usavam o relógio na Internet se encontravam nas seguintes situações:

- Emissoras que não veiculavam audiovisuais na Internet

No período do monitoramento não foi encontrado nenhum audiovisual de TV nas páginas da NetTV e da TV Pampa. Na *webpage* da NetTV (<http://nettv.globo.com/NETServ/br/home/html/1.jsp>) não havia *watchpages*. Talvez por tratar-se de um *sistema* de transmissão e não de uma *emissora*, no *site* parecia que o sistema não tinha interesse em disponibilizar conteúdo televisivo gratuitamente. Além disso, se, na TV, a Net veiculava conteúdo audiovisual (promocional de si), é possível imaginar que a Internet oferece aos sistemas formatos considerados mais interessantes para essas mesmas promoções.

Já a Rede Pampa (uma emissora, sediada em <http://www.pampa.com.br>) também não tinha *watchpages*, e preferia dar um destaque maior para o conteúdo do jornal *O Sul*, pertencente ao grupo.

- Emissoras cuja exibição audiovisual na Internet não pode ser comprovada

Este é um caso à parte, em que se anunciava a veiculação, mas que não pudemos verificar se e como ocorria. É o caso da Ulbra TV (sediada em www.ulbratv.com.br), que anunciava transmissões e apresentava em sua *home* um *link* para conteúdo audiovisual. No entanto, na página seguinte era pedido um *download* de Quicktime, que sempre travava no meio do procedimento. O *player* aparecia, mas em branco.

- Emissoras que não exibiam relógios nos panoramas remidiados

Durante o monitoramento da TV Justiça e da TV Bloomberg percebemos as seguintes práticas das duas emissoras, diferentes das transmissões off-line.

Na *home* da TV Justiça (sediada em <http://www.tvjustica.jus.br>) havia um *link* “assista on line”, que remetia a uma *watchpage*. Em vários momentos encontramos, nela e no panorama das imagens que rodavam no *player*, a inscrição do termo “GRAVADO” e a inscrição da data em que o programa havia sido veiculado off-line; mas, nas imagens rodadas na Internet nunca encontramos o relógio. Quando não aparecia o “gravado”, supusemos tratar-se de transmissões simultâneas on-line e off-line, o que, para ser comprovado, requereria

¹⁰ Faziam parte do corpus as emissoras que, no sistema a cabo NET, sempre ou em algum momento de sua programação em fluxo, inseriam um *graphic* de relógio de marcar o tempo nos panoramas.

¹¹ Na ocasião, a NBR era veiculada pela Uni TV.

¹² Na Rede Globo, encontramos o programa *Mais Você*, aparentemente o único que inseria um relógio no panorama.

¹³ A Rit TV veiculava sua programação na Band durante a madrugada.

¹⁴ Inicialmente, a Band News não fazia parte do corpus; entretanto, foi acrescentada quando passou a ser veiculada pela NET, no canal 99, com um relógio inserido no panorama.

um procedimento de espectação simultânea que não fizemos.

Já na versão on-line da Bloomberg (<http://www.bloomberg.com>) notamos as seguintes situações: nunca aparecia o relógio, mas às vezes aparecia o “ao vivo”. É uma prática inversa à da TV Justiça. Similarmente, poderíamos inferir que a não indicação do “ao vivo” remetia a programas gravados. Não é possível concluir, no entanto, se em um, nos dois ou em nenhum caso as transmissões on-line eram simultâneas às da TV off-line. A não ser, de novo, que tivéssemos feito uma espectação simultânea, o que não fizemos.

Emissoras que exibiam o relógio nos panoramas remidiados

Grande parte das emissoras do corpus mostrava o relógio presente nos panoramas off-line também nos panoramas no interior dos *players* da *watchpage*, mas de modos distintos, dentre os quais destacamos os praticados nas seguintes situações:

- Emissoras que transmitiam simultaneamente off-line e on-line

Nessa situação, encontramos: TVCom, Siete, Shoptime, Rit TV, TV Assembléia e NBR. Em alguns momentos, devido ao *delay* (que depende da velocidade de conexão do usuário) ou a problemas no ajuste do relógio do computador, a hora marcada pelo relógio nas imagens do *player* não correspondeu à hora indicada no relógio do computador.

Na *home* da TVCom (<http://www.clicrbs.com.br/tvcom>) encontramos o *link* “assista ao vivo a tvcom” que remetia à *watchpage* da emissora on-line. Em todos os horários e dias observados havia relógio nos panoramas veiculados no *player* e somente o programa *Falando* exibia um “ao vivo” (junto ao relógio), sendo que o relógio situava-se ao lado do *graphic* da temperatura, no canto superior direito, não estando junto da logomarca da emissora.

Já no caso do canal Siete¹⁵, assistido pela página <http://www.canal7.com.ar/canal7>, no *link* “vivo”, na maioria das observações o relógio esteve presente no panorama; ou seja, toda vez que “vivo” apareceu no panorama, o relógio também esteve presente. A partir do dia 10 de dezembro daquele ano, notamos que a *watchpage* se encontrava na *webpage*. Na *webpage*, à es-

querda, encontramos um outro relógio digital informando o horário, sendo que o relógio da *watchpage* ficava ao lado do *graphic* da temperatura, no canto direito inferior do panorama, descolado da logomarca do canal/emissora.

O canal/emissora Shoptime, na página <http://www.shoptime.com.br>, era acessado através do *link* “TV Shoptime” e apresentava o relógio na *watchpage*, ao lado da logomarca do canal. Nesse caso pudemos entender que o relógio era estratégico, pois as ofertas e promoções só valiam em determinados dias e horários por certo tempo.

Nas imagens da RIT TV (Rede Internacional de Televisão)¹⁶, que eram veiculadas em *site* próprio (<http://rittv.com/index.html>), o relógio esteve sempre presente e o horário mostrado era enunciado como o oficial de Brasília. Na grande maioria das vezes, encontramos nos panoramas, junto ao relógio, a indicação “ao vivo”; a *watchpage* era a própria *homepage*; e, várias vezes, o relógio indicou a hora em desacordo com a hora oficial do Brasil, produzindo certa confusão.

Já a página principal da TV Assembléia era o portal <http://www.al.rs.gov.br>. Dentro dela, à esquerda, havia um *link* para o *site* da TV Assembléia, que por sua vez oferecia a opção de transmissão ao vivo. Quando clicada, abria-se uma nova janela, com um *player*, cujas imagens não pudemos capturar por Print Screen. No Camtasia foi possível capturar a transmissão, mostrada na última tela abaixo, sendo que as imagens veiculadas incluíam um relógio e a inscrição “ao vivo”.

Para assistir à NBR na Internet a porta de entrada principal era o *site* da Radiobrás (<http://www.radiobras.gov.br/estatico>). Lá, no menu lateral, aparecia o *link* para a NBR, e, nesta nova página havia uma opção de “transmissão ao vivo”. Ao clicar no item, surgia um *player*, no qual rodavam os mesmos panoramas que haviam sido veiculados pela televisão off-line, ou seja, que, entre outras coisas, incluíam o relógio. Mas as imagens não puderam ser capturadas, nem por Print Screen nem pelo programa Camtasia, a exemplo da TV Assembléia.

- Emissoras que exibiam imagens de arquivo

Durante a observação das emissoras Record, Record News e Globo on-line detectamos que elas colocavam no ar vídeos grava-

¹⁵ A televisão pública Argentina.

¹⁶ Canal televisivo brasileiro concessionado à Igreja Internacional da Graça de Deus.

dos que apresentavam em seus panoramas os relógios, e o tempo neles marcado - nos mesmos termos como foram transmitidos off-line. Nestes casos, porém, havia um descompasso entre os tempos medidos no relógio dos panoramas mostrados no *player* e os mostrados no do computador, que, é óbvio, só seriam os mesmos por puro acaso.

Embora fosse o portal da Rede Record, o site <http://www.rederecord.com.br> remetia o usuário a uma página da TV Record on-line, que não tinha transmissão simultânea, mas fazia uma oferta de vídeos gravados da programação recém exibida off-line, sendo que, em geral, o programa era colocado na Internet menos de duas horas depois de ter ido ao ar. Na moldura/link "Mundo Record" havia uma oferta de vídeos em uma interface que emulava a televisão. Quando se clicava em um dos vídeos, um *player* começava a exibi-lo, e todos os vídeos mostravam a mesma hora em que haviam sido exibidos originalmente e o "ao vivo" quando a transmissão original também o exibia; ou seja, as imagens eram arquivadas e acessadas exatamente como haviam ido ao ar off-line.

O site www.recordnewstv.com.br, da emissora Record News, oferecia um modo de navegação idêntico ao da TV Record. No entanto, o programa não estava *linkado* a nada na *home* do portal da rede. Para navegar nos vídeos da Record News devia-se clicar em "Mundo Record News" e seguir os mesmos passos dados na Record. Quando assistidos no *player*, todos os vídeos de arquivo exibiam em seus panoramas exatamente a hora em que haviam ido ao ar originalmente, e o "ao vivo" quando na transmissão original as imagens possuíam essa indicação.

Também foi o caso da Rede Globo, cujo site (www.globo.com) disponibilizava vídeos de arquivo. Nesta *webpage* não se transmitia simultaneamente à TV, ao menos para quem não era assinante¹⁷. Através da página inicial chegava-se à página Globo Vídeos, e, por ela, aos vídeos do programa *Mais Você*, que eventualmente apresentava relógio, e, como pôde ser comprovado, o relógio se mantinha com a hora original dos vídeos gravados.

Além do caminho até aqui indicado, também foi possível entrar nos vídeos através

do site dos programas, que estavam *linkados* na capa do Globo.com.

Configuração do tempo *reality* na TV on-line

Destacamos a seguir as diferenças observadas na enunciação do tempo real, que, no entanto, decorriam no mais das vezes apenas por inércia ou desconsideração das emissoras quanto às lógicas operativas de uma das mídias e às da outra.

● O relógio em transmissões em "tempo real"

Trata-se aqui da ocorrência percebida de haver duas transmissões em "tempo real" de uma mesma emissora off-line e on-line simultaneamente: a que estava sendo acessada via monitor de TV e a que se estava acessando pela Internet.

Na tela da televisão off-line o relógio encontrado nos panoramas sempre exibia um sentido de horário que se podia estender aos panoramas de todas as imagens veiculadas por aquela emissora, mesmo quando o relógio não aparecia, porque na transmissão só um relógio era visível e enunciativo da passagem de tempo.

Na Internet esse sentido "único e universal" era tensionado por conta de um segundo relógio visível e enunciativo da passagem de tempo: o do Windows (sistema operacional usado) do computador. Não eram apenas molduras sobrepostas, mas telas diferentes sobrepostas, cada uma suportada por uma televisão própria, uma sua atualização inaugural.

Na maioria dos casos analisados a hora do relógio do Windows (que, inclusive, pode ser ajustada pelo usuário do computador) esteve indicada diferentemente à hora exibida no panorama quando a emissora transmitiu "simultaneamente" ao vivo off-line e on-line. Qual dessas duas horas medidas poderia ser entendida enunciativamente como a "real", ou *reality*?

Nós nos faríamos a mesma pergunta se tivéssemos encontrado uma maior coincidência entre o "tempo real" da transmissão off-line e a da transmissão on-line porque, mesmo que hoje haja uma enorme precisão, tecnologicamente possível, na hora medida em todos os relógios do mundo - regulados pela hora do Big Bem londrino ou pelo chamado "horário de Brasília" - assumimos tratar-se sempre, quando falamos em sua midiatização, de uma hora performativa e construída midiaticamente.

¹⁷ Se havia transmissão para assinantes ela estava oculta para o usuário comum. E, como não nos cadastramos como "assinantes", não foi possível verificar se, nesse caso, ela ocorria ou não.

- O relógio em imagens de arquivo

Essa importante diferença observada se deu quando as emissoras mantiveram nos arquivos de seu portal na Internet imagens de programas que foram ao ar com um relógio no écran, e não o retiraram ao arquivá-los. Por isso, a hora exibida no panorama do *player* dificilmente seria compatível com a hora exibida pelo computador. Se fosse, teria sido uma fantástica coincidência, um acaso, ou até, um verdadeiro acontecimento.

- O *graphic* “ao vivo”

A terceira situação encontrada nos portais das emissoras que compuseram nosso corpus não se relacionava à existência de um relógio na tela, e sim à presença da inscrição “ao vivo” nos panoramas, a partir da qual se subentende estar havendo uma transmissão em “tempo real”. Talvez essa seja a enunciação que mais pode confundir o espectador-usuário, porquanto, havendo apenas uma inscrição de horário visível - a do Windows no computador - tudo leva a crer que aquelas imagens de arquivo estão no ar ao vivo e em tempo real (simultâneo ao do espectador) no momento de sua especiação.

Ou seja, nessa prática das emissoras - a nosso ver puramente incidental - há uma liquefação de todos os sentidos e figurações de tempo como os temos entendido até então em sociedade.

Considerações finais

Ao longo de nossas pesquisas sobre a televisão fomos levados a investigar mais especificamente a natureza precípua das imagens por ela veiculadas, e acabamos fabulando acerca de uma imagem-duração que provavelmente explicaria seu ponto zero de aparecer, sendo que o paradigma para tal proposição alicerçou-se em um tempo enunciado pelas emissoras como real e ao qual, por ser performático e televisualmente construído, chamamos de *reality*. Esse tempo *reality* - dado a ver graficamente nos panoramas em relógios de marcar (e medir) o tempo desenrolando-se como em nossos próprios relógios (sugerindo haver um tempo único e universal) - foi metodologicamente imobilizado pelo pensamento com vistas à percepção de outros moventes nos fluxos consentâneos de imagens televisivas.

Em todos os monitoramentos que fizemos em diferentes emissoras e fluxos, mesmo quando atravessados pelo *zapping* do espectador, autenticamos essa mesma tendência du-

rante da imagem televisiva, e concluímos ser, sim, ela, a imagem que mais bem dizia da natureza precípua da televisão.

Quando, porém, projetamos o conceito para práticas enunciativas do tempo *reality* da TV off-line na Internet o conceito mostrou-se improdutivo, inadequado, improcedente; ou seja, a TV on-line não poderia ser pensada nem como remediação da TV off-line, nem como uma sua atualização.

Teríamos nos enganado quanto ao que seria precípua da televisão (a imagem-duração)? Estaríamos diante de um novo ponto zero do aparecer fenomenológico de uma imagem, que não é a televisiva, mas, sim, web televisiva?

No estágio de nossa pesquisa tendemos a concluir que as imagens da TV on-line distinguem-se em natureza e não apenas em grau das imagens da TV off-line.

Haveria entre elas, no entanto, apenas diferenças de grau se fossem pensadas, as off-line e as on-line, como atualizações da tele-visão. Ou seja, se nosso objeto de pesquisa se tornasse a tele-visão, as incongruências da televisão expandida talvez se resolvessem epistemologicamente. E poderíamos fazer avançar a pesquisa em Comunicação acerca da televisão, principalmente em direção às audiovisualidades contemporâneas, nas quais as fronteiras conhecidas entre uma mídia e outra tendem a dissolver-se em passagens por umas e outras.

Referências

- BENJAMIN, W. 1985. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 256 p.
- BERGSON, H. 1999. *Matéria e memória*. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 292 p.
- BERGSON, H. 2006. *Duração e simultaneidade*. São Paulo: Martins Fontes, 242 p.
- BOLTER, J.D.; GRUSIN, R. 1999. *Remediation: Understanding new media*. Cambridge, The MIT Press, 307 p.
- BOURDIEU, P. 1996. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, Papirus, 224 p.
- DELÉUZE, G. 2004. *Bergsonismo*. São Paulo, Editora 34, 144 p.
- DERRIDA, J. 1998. *Ecografias de la televisión. Entrevistas filmadas a Bernard Stiegler*. Buenos Aires, Eudeba, 203 p.
- KILPP, S. 2010. *A traição das imagens. Espelhos, câmeras e imagens especulares*. Porto Alegre, Entremeios, 124 p.
- MANOVICH, L. 2001. *The language of new media*. Massachusetts, The MIT Press, 394 p.
- McLUHAN, M. 1999. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 407 p.
- TUCHERMAN, I.; SAINT-CLAIR, E. 2008. O corpo transparente: dispositivos de visibilidade e mutações do olhar. *Intexto*, 2(19):1-17.

Submetido: 03/11/2013

Aceito: 22/11/2013